

## Literatura e diferença cultural: O ensino de literatura nas Amazônias

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.002-054>

### **Sebastião Gonçalves Dias**

Graduado em Letras pela Universidade Federal do Pará, especialista em gestão escolar pela escola de gestores da UFPA, mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará- UNIFESSPA, doutorando em

Letras-Estudos literários pela UFSM- Universidade Federal de Santa Maria, RS. O mesmo é professor efetivo nas redes estadual e municipal no estado do Pará.

---

### **RESUMO**

O objetivo deste trabalho é elaborar uma proposta de discussão sobre o ensino de literatura nas Amazônias, tendo como referência teóricos que trazem o desafio de discutir a diversidade, a alteridade e as diferenças culturais, para tanto, abordamos, nessa discussão, teóricos como: Homi K. Bhabha (2010), Antoine Compagnon (2007), Marjorie Perloff (2013), Franz Fanon (2008), Walter Benjamin (1994), Antônio Candido (1995), entre outros, que propõem o desafio de pensar a diferença e a diversidade cultural. Neste texto, discutiremos práticas de leituras e o ensino de literatura nas escolas das Amazônias, bem como os avanços, limitações e o espaço reservado à literatura no currículo e na escola. O princípio básico da discussão é que aquilo que um indivíduo entende por cultura pode não ser visto da mesma forma por outro, uma vez que o olhar deste pode estar contaminado pelo vício de rejeição à cultura alheia, inerte às diferenças do estar além ou na fronteira. Nesse sentido, estamos aqui pensando nas bordas, nas fronteiras móveis, nas misturas, capazes de problematizar o modelo, as formas padronizadas.

**Palavras-chave:** Diversidade cultural, Diferença, Literatura, Amazônias.



## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade levantar e discutir hipóteses sobre o lugar da literatura na escola, bem como a contribuição desta enquanto objeto de formação e resistência. A discussão fomentada reflete-se na teoria de autores que se propõem o desafio de discutir a diversidade cultural em um espaço multicultural: a escola e, de maneira especial, a escola nas Amazônias. Para esse debate, afinamos com as teorias de Homi K. Bhabha (2010), Walter Benjamin (1994), Franz Fanon (2008), Abdala Junior (2007), entre outros, que discutem os caminhos da literatura e seus meandros nos séculos XX e XXI.

Tzvetan Todorov (2017), quando publicou um de seus mais intrigantes livros, *A Literatura em perigo*, em 1939, já dizia que a literatura enfrentava – e enfrentaria, nos próximos séculos – um grande risco de ser suprimida e colocada em segundo ou terceiro plano, não por falta de boas produções, bons escritores e poetas, mas por falta de leitores literários. Parece que o mundo atual anda na contramão da literatura: enquanto vivemos o tempo da pressa, a literatura caminha vagarosamente na direção contrária das grandes agitações, sem pressa, atemporal.

Diante disso, a formação de leitores literários tem se tornado um desafio cada vez mais difícil de ser encarado, e a morte da literatura, vaticinada por muitos teóricos do século passado, parece fazer cada vez mais sentido nos dias atuais. A literatura parece lutar contra tudo e todos em um mundo dominado pelo imediatismo, pelas futilidades e prazeres descartáveis. A literatura, por sua vez, nasce nas frestas do real, como uma erva daninha que cresce lentamente, despercebida, mas capaz de causar um grande reboliço na vida daqueles que têm o direito de ler, direito esse inegável como o alimento diário que precisamos para sobreviver. A esse respeito, nos alerta o grande mestre da literatura, Antonio Candido (1995, p. 249):

entendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Antonio Candido atribui a literatura, elementos que vão muito além das funções lúdicas e catárticas, para ele, a literatura tem um papel fundamental na formação social do homem, sua interação com o meio social em que está imerso, na percepção de vida, no enfrentamento das problemáticas do dia a dia, nesse sentido, a literatura desenvolve em no sujeito, maior senso de humanização e compreensão de mundo.



## 2 A LITERATURA E O MEIO SOCIAL

A contribuição da literatura na formação de cidadãos mais críticos e solidários é percebida quando vemos homens e mulheres identificando-se como sujeitos de sua própria história, constituindo-se autores de sua cultura, mesmo que, muitas vezes, influenciada pela cultura do outro. Mas como a literatura pode contribuir na formação de sujeitos críticos?

Para responder a essa pergunta, que enfatiza a importância da literatura na vida social, tomamos como referência distintas concepções teóricas acerca da Literatura. Dessa forma, investigaremos, sob o ponto de vista de uma relação da Literatura com a realidade e tomando como referência o elemento propriamente figuracional, as maneiras usadas pelos escritores para falar do tempo e do espaço social, elementos esses que nos ajudam a compreender os processos da vida coletiva e o espaço do outro.

Diante disso, porém, surge o problema, no que diz respeito à leitura e a Literatura, de considerar a obra literária como um relato e como uma imagem da vida social. Não podemos, no entanto, deixar de lado o valor artístico da obra literária, compreendida também como objeto estético e imaginativo, carregado de significâncias próprias, cujo valor perpassa a capacidade de dar apenas respostas concretas e questões pontuais do viver humano. O objetivo desta investigação é, pois, a partir da reflexão acerca de leituras de textos e obras literárias com foco na diferenciação identitária, perceber os valores intrínsecos em cada leitura, analisar a relação entre Literatura e vida social, além de refletir sobre os problemas que apontam para uma redescoberta do imaginário no plano da vida social. Sobre essa discussão, afirma Candido (1985, p. 5):

este é, com efeito, o núcleo do problema, pois quando estamos no terreno da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar. Tomando o fator social, procuraríamos determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, costumes, traços grupais, ideias), que servem de veículo para conduzir a corrente criadora (nos termos de Lukács, se apenas possibilita a realização do valor estético); ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte (nos termos de Lukács, se é determinante do valor estético).

A hipótese defendida pelo teórico brasileiro nos remete a colocações apontadas por ele próprio em *Literatura e Sociedade* (1985). Nessa obra, o autor questiona: “qual a influência exercida pelo meio sobre a obra de Arte?” (CANDIDO, 1985 p.18). Isto nos remete a outra indagação: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio social? Candido (1985) nos provoca a continuar no campo das indagações: como a Arte literária se comunica com a sociedade? E como a sociedade reage ao falar da obra de Arte?

Através de seu modo pessoal de ver o mundo, o autor de uma obra literária recria uma outra realidade carregada de significação própria, que age sobre o público-leitor provocando um efeito prático na conduta e concepção do mundo deste, transformando padrões, quebrando estigmas, formando grupos e mexendo com padrões estéticos e morais (POUND, 2006). A sociedade, assim, se



apropriada do texto, em um movimento dialógico, e recebe influências da obra ao mesmo tempo em que as devolve para o artista e, desta maneira, temos uma relação intrínseca: autor, obra e leitor.

Nessa proposição, o americano Ezra Pound (2006) traduz tal relação de modo que, sociologicamente, podemos dizer que a Arte literária se comunica por meio de um sistema simbólico de comunicação inter-humana e, portanto, pressupõe a existência de: a pessoa que comunica, no caso, o artista, o autor da obra; o comunicado, que pressupõe a obra em si, um comunicado ao público a quem a obra se dirige; e, por fim, a ação que a obra causa sobre a sociedade, isto é, o efeito, efeito este que se volta novamente para o autor. Numa visão Bakhtiniana da linguagem, podemos chamar essa relação de sociointeracionista.

Todo discurso, segundo Bakhtin (2000), se constitui de uma fronteira entre o que é seu e aquilo que é do outro. Esse princípio é denominado dialogismo. Nessa perspectiva, o enunciado é entendido como uma manifestação social, reflexo do meio, ou seja, reflete as condições específicas e as finalidades de cada gênero literário, bem como traz consigo marcas linguísticas identitárias e estilos de épocas, relacionados ao contexto histórico.

Por essa hipótese, percebemos que o mais relevante nesse processo é o resultado do efeito produzido a partir da relação dualística entre o leitor e a obra, na qual, a partir dessa extração, elaborase uma expectativa de identidade cultural de cada grupo social e do sujeito como indivíduo. Dessa apreciação, torna-se inerente a necessidade de harmonizar tal encontro sem introspecção do leitor com a obra, em um diálogo despido de influências doutrinadoras com o autor, com o mundo literário. É fundamental colocar o leitor em um confronto direto com o texto, provocá-lo, instigá-lo a sair do mundo da mediocridade para o mundo das coisas estranhas, excêntricas, convidá-lo às mudanças que, embora possam ser perigosas, certamente valerão a pena. A essa literatura que nos referimos, a literatura que incomoda, que lança o leitor para o abismo das indecisões, que enche de dúvidas ao invés de respostas, a literatura que provoca medo, estranheza, mas, acima de tudo, provoca mudanças.

Sabemos das dificuldades que os estudantes e, de modo geral, os jovens se encontram em relação à leitura literária, bem como as limitações enfrentadas pelas intuições de ensino para produzir leitores e, de modo especial, leitores literários. A falta de bibliotecas públicas e nas escolas, a pouquidade de espaços adequados para a leitura, o número muito pequeno de acervos disponíveis, entre outras situações, tem contribuído significativamente para a escassez de leitores literários.

A iniciativa de conceder acesso a indivíduos que não tiveram oportunidade de alcançar a Literatura e outras práticas culturais, pressupõe inseri-los em um contexto de mudanças históricas, sujeitos às mesmas garantias de maneira que permeia o sistema socioeconômico e político cultural da civilização humana. Se quisermos inserir esses indivíduos em um contexto de mudança, a ferramenta principal deve ser a leitura. Diante disso, precisamos compreender que o homem é produto da condição histórica, sofre com intervenções diretas do espaço social no qual está inserido, e, nesse contexto, deve

ser compreendido como um projeto sociopolítico e cultural, na visão sartreana do termo. Por essa ótica, necessidade e liberdade são elementos distintos completamente intrínsecos do projeto humano aqui discutido e que por meio da literatura pode ser reverberado e rediscutido.

Para superar as perdas históricas sofridas pela política colonial, é preciso, antes de qualquer, coisa desconstruir séculos de imposição cultural. Trata-se de criar mecanismos que possibilitem e facilitem a participação e a inserção dos grupos sociais, historicamente marginalizados nos processos de decisão de poder, de modo crítico e consciente. Para isso, é preciso, integrá-los em espaços onde a Literatura possa fazer parte de seus mundos, bem como fazer da emancipação social um projeto de todos, construído com a participação de todos os envolvidos. Porém, antes de tudo, é necessário envolver esses grupos historicamente despolitizados e dominados pela cultura colonialista.

### **3 LITERATURA, IDENTIDADE E DISCURSOS MARGINAIS**

A leitura e a Literatura como recriação da realidade tornam-se instrumentos de transformação à medida em que começam a romper barreiras impostas pela cultura elitizada, canônica, e passam a ser introduzidas como elemento cotidiano do sujeito comum inserido nessa mesma sociedade. Espera-se que ele, envolvendo-se com o mundo da Literatura, possa envolver-se com outros, cada dia mais, tornando a leitura literária uma prática social comum no espaço comunitário. Concretizar-se-ia, assim, o proposto pelo nosso trabalho.

Para entender os grupos sociais, é preciso desvendar seu cotidiano, o contexto contraditório no qual estão inseridos, suas manifestações e práticas culturais, para, assim, entender o modo de vida dos envolvidos. Além disso, é necessário desconstruir modelos identitários tidos como padrão, e reconstruir olhares voltados para o respeito às diferenças.

Para que se permita adentrar no universo da Literatura, deve-se compreender que essa realidade não é homogênea e nem uniforme, pelo contrário, mascara relações sociais diferenciadas e rejeições. Torna-se necessário retomar o processo histórico, como dissemos anteriormente, de construção e desconstrução do sujeito social de muitas identidades.

A ideia de trabalhar com textos literários não consiste em identificar um período ou outro, mas sim desconstruir, perceber que a Literatura, mesmo quando compreendida em sua totalidade, se apresenta como algo inacabado e indeterminado. Sabemos muito bem que um período literário não se encerra por data ou mesmo por um século, pois sempre há uma continuidade, embora talvez essa organização seja necessária para efeito sociopolítico.

A relevância desta pesquisa, nesse sentido, consiste em perceber a Literatura como instrumento de transformação, primordial, portanto, para a formação de sujeitos críticos e participantes de uma construção social da qual eles foram historicamente excluídos, isto é, o direito à cultura, à leitura e à Literatura. É preciso restabelecer o lugar do texto literário no espaço escolar, reestruturar as formas de

ensino, o modo de leitura e retornar à Literatura como objeto primordial de formação, retirá-la das margens e recolocá-la em lugar de destaque.

Dessa forma, é urgente a necessidade de rever pontos importantes no ensino de Literatura e leitura em sala de aula, e propor um ensino que não se volte apenas para a apresentação estritamente cronológica, mas passe a dar maior relevância a um viés temático, contraponha modelos canônicos como um único formato de leitura literária e, ao mesmo tempo, justaponha autores canônicos e não canônicos. Essa metodologia de ensino vai além dos modelos convencionais de livros didáticos e teorias que apontam, como forma singular de Literatura, os clássicos oferecidos por meio do currículo interposto nas escolas, deixando de lado toda a produção escrita e oral de autores não canônicos, mas que deixam sua contribuição relevante para meio social.

Para tanto, a proposta em discussão consiste em selecionar temas diversificados escolhidos de acordo com a relevância para a realidade da comunidade escolar, priorizando leituras que promovam diálogos direto do sujeito-leitor com o texto, e o comparativismo com entre autores de tempos e espaços diferentes, caso haja necessidade. Ou seja, apresentar autores afro-brasileiros, indígenas, africanos, amazônicos dentro de uma mesma perspectiva de leitura, lado a lado com autores antológicos. A ideia dessa proposta consiste, desse modo, em um exercício comparatista que possibilite múltiplos olhares para o ensino de Literatura, abrindo espaço para práticas de leitura a partir de percepções coletivas desprovidas de preconceitos literários e culturais.

No entanto, não se pretende, com isso, deixar de abordar as escolas literárias e suas cronologias, cada uma com suas peculiaridades ideológicas, mas compreender que essa abordagem pode ocorrer de maneira secundária, de acordo o tema e suas acepções. Em primeiro plano deve estar o aprofundamento da habilidade de leituras críticas, os espaços para a contestação, o diálogo direto com a leitura, os quais podem ser exercitados por meio de debates em sala de aula e momentos reservados à leitura e à promoção do letramento cultural e literário.

Atualmente, há pouco espaço para a prática de leitura e o ensino de Literatura no ensino fundamental, e no ensino médio, apenas o terceiro ano tem aulas da disciplina. Isso reflete diretamente na falta de leitura e interpretação, que não foram estimuladas, e quando foram, acabaram sendo feitas de maneira superficial, não por culpa do professor, acreditamos, mas pela pouca relevância dada ao assunto pelas instituições. Assim, alunos chegam ao ensino médio sem pouca ou nenhuma afinidade com a leitura e a Literatura, quando não desconhecem totalmente o assunto. Essas são algumas das limitações que os sujeitos-alunos possuem quando se trata de Literatura e outras práticas culturais relacionadas.

Por outro lado, demonstrar que a Literatura não é apenas literatura vai além de conceitos, datas e poemas românticos, como define o professor João Alexandre Barbosa (2009, p.10):



a Literatura nunca é apenas literatura, o que lemos como Literatura é sempre mais – é História, Psicologia, Sociologia. Há sempre mais que literatura na literatura. No entanto, esses elementos ou níveis de representação da realidade são dados na literatura pela literatura, pela eficácia da linguagem literária.

Com esse pensamento, percebemos a grande relevância da leitura e da Literatura no sentido de ser norteadora de outras culturas, rompendo com as suas próprias barreiras e adentrando nas demais áreas de conhecimento. A literatura vai além de conteúdos pedagógicos escolásticos e cronológicos, é também política e social, compreende refletir sobre os aspectos socio interacionais do discurso. O letramento cultural perpassa o âmbito da escrita, pois é bem mais que isso, e propõe a valorização das culturas ágrafas e reflexão sobre o modo de ver o mundo e da vida em comunidade desses povos, sua dança, suas memórias, hábitos e modo de sobrevivência.

Todas as culturas são modelos de letramentos culturais, embora com estruturas diferenciadas: indígenas, afro-brasileiros, quilombolas, comunidades de pescadores, ribeirinhos e várias outras, todas têm suas características peculiares. Estas devem ser entendidas como espaços de construção identitária formada por elementos que as diferenciam das demais por viver em fronteiras que limitam com o espaço do outro. Desse modo, muitas dessas culturas são construídas no espaço fronteiro, no hibridismo, como afirma o teórico pós-colonial Home K. Bhabha (2014). O autor compreende o hibridismo como um elemento que faz parte da linguagem e, assim, ecoa na representação:

Tomando como deixa a instância subalterna "duplamente inscrita", eu poderia argumentar que e a dobradiça dialética entre a nascimento e a morte do sujeito que precisa ser interrogada. Talvez a acusação de que uma política do sujeito resulte em um apocalipse oca e em si uma realização a sondagem pós-estruturalista da noção de negação progressiva – ou a recusa - no pensamento dialético. O subalterno ou o metonímico não são nem vazios nem cheios, nem parte nem todo. Seus processos compensatórios e vicários de significação são uma instigação a tradução social, a produção de algo mais além, que não e apenas a corte ou lacuna do sujeito, mas também a interseção de lugares e disciplinas sociais. Este hibridismo inaugura 0 projetos de pensamento político defrontando-o continuamente com 0 estratégico e o contingente, com o pensamento que contrabalança seu próprio "não-pensamento". Ele tem de negociar suas metas através de um reconhecimento de objetos diferenciais e níveis discursivos articulados não simplesmente como conteúdo, mas em sua interpelação como formas de sujeitos textuais ou narrativas - sejam estas governamentais, judiciais ou artísticas. Apesar de seus firmes compromissos, a político deve sempre colocar como problema, ou indagação, a prioridade do lugar de onde ele começara, se não quer que sua autoridade se torne autocrática (BHABHA, 2014, p. 114).

O teórico chama a atenção para o hibridismo na construção da linguagem, o que implica na impossibilidade de descrever esse discurso ou esse sujeito como autêntico. Desse modo, qualquer forma de representação, segundo Bhabha (2014), é híbrida, possui traços dos dois discursos, é construída sobre a fronteira, construído sobre as diferenças, e há, assim, uma busca pela autenticidade, porém esta é infrutuosa.

O reconhecimento de outras culturas como superiores ou inferiores deve ser deixado em aberto, pois devemos reconstruir o nosso pensamento em relação ao pensamento colonialista que sempre se



sobrepôs como pensamento dominante na Amazônia, levando-nos a acreditar na supremacia cultural do colonizado em relação ao colonizador. Pensamento esse que, aos poucos, vem sendo desconstruído sob a luz de teóricos que aceitaram o desafio de discutir sobre diferenças e diversidade cultural na pós-modernidade.

Nessa perspectiva, a Literatura emerge como uma erva daninha nas frestas do real, não apenas como um divertimento, nem tampouco como um saber especializado, como um instrumento precário e sutil que serve para interrogar a vida, descolando certezas e transformando-as em incertezas. Ela nos oferece perguntas ao invés de respostas, perguntas essas, em sua grande parte, desagradáveis e que nos perturbam por dias, meses e, às vezes, por anos, ou por uma vida inteira. A Literatura transforma, muda conceitos, nos faz mergulhar no desassossego das personagens. Sairá atordoado e transformado aquele que lê: um outro homem, embora no mesmo corpo, mas jamais com a mesma alma.

#### **4 A LITERATURA, ENSINO E DIVERSIDADE CULTURAL** □

Para entender os grupos sociais é preciso desvendar seu cotidiano, é necessário considerar o contexto contraditório no qual este inserido, suas manifestações e práticas culturais, entender o modo de vida do envolvidos. É preciso desconstruir modelos identitários tidos como padrão e reconstruir olhares voltado para o respeito às diferenças. Para que se permita no universo da literatura, deve se compreender que essa realidade não é homogênea e nem uniforme, pelo contrário, mascara relações sociais diferenciadas e rejeições. Torna-se necessário retomar o processo histórico, como já disse anteriormente, de construção e desconstrução do sujeito social de muitas identidades. A ideia não consiste em identificar um período ou outro, a ideia é desconstruir, perceber que a literatura mesmo quando compreendida em sua totalidade sempre se apresenta como algo inacabado e indeterminado, sabemos muito bem que um período não se encerra por data ou mesmo por um século, sempre há uma continuidade, embora talvez seja necessária essa organização para efeito sociopolítico. O debate proposto neste estudo consiste em perceber a literatura como instrumento de transformação social e cultural, como mencionamos, além de compreender seus subsídios na formação humana e profissional. Estes são primordiais para a formação de sujeitos críticos e partes de uma construção social que dá o direito à leitura e à Literatura, direitos estes que, em muitos casos, foram negados a diversos indivíduos e grupos sociais dos quais fazem parte. Ressalta-se a necessidade de o sujeito ser o autor desse processo, para isso, no entanto, é preciso fazer como que esse agente tenha acesso ao universo literário, a fim de possibilitar aos grupos envolvidos se refazerem culturalmente no meio social inserido.

Interessa-nos também mostrar, neste capítulo, de que maneira foram traçados os aspectos didáticos e metodológicos dessa pesquisa e do projeto de intervenção por nós desenvolvido. A fim de alcançar os objetivos estabelecidos, foram investigados e questionados 30 (trinta) alunos do último ano

do ensino fundamental de nove anos. Foram elaborados questionamentos sobre diversas formas de saberes culturais e literários, e inúmeras vezes foram ouvidas em sala de aula. Foram realizadas rodas de conversa, entrevistas, bate-papos acerca de leituras, debates e, por fim, aconteceu a oficina de textos que gerou a escrita do projeto. Expomos aqui os aspectos didático-metodológicos que nortearam os passos dessa pesquisa, bem como a escolha da turma, a apresentação do projeto e as etapas desenvolvidas que nos trouxeram até aqui.

Antes de discutir didática e a metodologias para o ensino de Literatura, precisamos apontar alguns aspectos preliminares que nos parecem relevantes e foram usados na confecção dos materiais e na elaboração da intervenção e das oficinas. Tais aspectos se concentram em três questionamentos que precisam ser levados em conta antes mesmo de iniciar qualquer movimento de caráter pedagógico. São eles:

- O primeiro concentra-se nas finalidades e objetivos do ensino de Literatura. Para Todorov (2009), é preciso, antes de tudo, indagar-se: ensinar literatura para quê? Essa pergunta conduz a outra: como ensinar literatura? Dessa forma, técnicas e finalidades estão unidas. Objetiva-se aumentar o nível cultural dos alunos? Mas de que cultura se trata? Formação de leitores? Cooperar para a formação de identidades individuais ou discutir a formação de valores conjuntos e a elaboração de uma comum – a nacional – e o sentimento de pertencimento a essa cultura.
- O segundo ponto relevante antes do planejamento diz respeito à definição da literatura, ou seja: que literatura se deve ensinar? Literatura canônica, texto contemporâneo, literatura marginal, indígena, africana, literatura popular? Oral ou escrita (impressa)? A escolha dos textos é um processo respeitável para concretização do processo, assim, deve-se trabalhar com fragmentos de texto ou com obras completas? Essas observações de diferentes diretrizes da Literatura que intervêm e tornam complexo o seu ensino.
- Por último, porém não menos relevante, e que não podemos desconsiderar: é preciso levar em conta os avanços e as novas teorias que configuram um novo cenário, o qual reflete no ensino de Literatura e suas diretrizes.

Observando essas inserções metodológicas, conduz-se às práticas de leituras e eventos culturais capazes de atrair o leitor e lançá-lo ao desafio de novas descobertas através da leitura selecionada com um propósito de formar novos leitores eficientes e, acima de tudo, curiosos, que mergulham no texto em busca de novas descobertas e novas aventuras.

## **5 A ESCOLHA DAS OBRAS: QUE LITERATURA ENSINAR?**

Para continuar no processo de planejamento de técnicas e estratégias metodológicas, uma questão importante é a escolha das obras, determinante para a formação de sujeitos-leitores. Não



ignoramos que o ensino de Literatura enquanto disciplina escolar deve levar em conta o currículo e as direções oficiais, mas também sabemos que é possível, muitas vezes, optar por obras e textos numa determinada lista para que possam ser lidos em sala de aula.

A esse respeito, três fatores importantes devem ser considerados no momento da elaboração de uma proposta de discussão para a realização de oficinas de leitura em sala de aula e práticas de letramentos culturais. São eles: a diversidade genérica, diversidade histórica e a diversidade geográfica, os quais devem ser considerados também em relação à natureza do projeto.

A diversidade genérica diz respeito à variedade de gêneros escolhidos. É válido confrontar gêneros tradicionais como romances, teatro, poesia e ensaio, com novos gêneros, entre eles auto ficção, história em quadrinhos, fanfictions e outros, crescentes gêneros novos. A diversidade histórica, por sua vez, compreende mesclar obras canônicas, que refletem os valores e o estilo de uma época e de um tempo, com obras contemporâneas, as quais representam as mudanças de valores e costumes, bem como lançam um olhar sobre o hoje.

O terceiro fator, isto é, a diversidade geográfica, refere-se a representar, na literatura, as diferentes culturas mundo afora. Dessa forma, a literatura nacional e a estrangeira podem ser lidas lado a lado, e grandes obras épicas podem traduzidas para o presente, em uma linguagem atual que, entretanto, demonstre o grande valor das culturas ancestrais. Por outro lado, podem ser lidas obras nacionais de grande valor simbólico na construção da identidade do leitor, e também obras de autores amazônicos, contrapondo com obras estrangeiras na intenção de constituir diversidade cultural e compartilhamento simbólico de um olhar universal.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ensino de literatura nas escolas das Amazônias ainda é um grande e árduo desafio. É preciso provocar no aluno o anseio pela leitura literária, capaz de despertar o prazer estético, a formação política e social inerente a cada sujeito integrante de uma comunidade. No atual contexto, é preciso lidar como uma nova geração de leitores que tem demonstrado pouco interesse pela literatura, assim como a sociedade moderna, de modo geral, e, dessa forma, muitos são os perigos que a Literatura tem enfrentados para sobreviver nos últimos séculos.

Por um lado, a mídia tem reduzido a Literatura ao mercado do entretenimento, com obras volumosas que pouco influenciam na formação social e profissional do leitor. Por outro lado, a universidade tem se esforçado para transformá-la em um saber especializado, meritocratizando-a a títulos de mestres e doutores das grandes teorias literárias. Ambas perspectivas contribuem para o enfraquecimento – se não morte – da literatura, como já vaticinado por Todorov (2007) e muitos outros historiadores e sociólogos no século passado.



A literatura reduzida a mero objeto de diversão ou a um saber especializado é tornada quase inútil. No entanto, sabemos muito bem o estrago que ela pode causar na vida pacata e banal de um leitor comum, se, de fato, esse leitor lançar-se na leitura, na obra certa: esse leitor nunca mais será o mesmo, pois, embora no mesmo corpo, terá um olhar diferente para o mundo e para as pessoas, por isso a escolha das obras literárias se faz tão importante quanto o ato de ler. A hipótese aqui apresentada, além de provocar no leitor o gosto pela leitura, contribui também para a construção identitária desse leitor e a formação de sua personalidade.

De tal modo, o que foi vivenciado na leitura representa, para o leitor, acontecimentos novos que o colocam em um abismo de interrogações e perguntas sem respostas, pois são apresentadas distintas questões universais e existenciais relacionadas, por exemplo, ao amor, desejo, traição, sofrimento, paixões, morte, solidão, entre outros. Essas experiências podem provocar no leitor adolescente um impacto emocional de uma proporção gigantesca, impacto esse que contribui para a transformação suscitada pela literatura, e é desta literatura que estamos falando, da literatura que transforma. Por isso a necessidade de um cuidado especial na escolha das obras e com a leitura escolhida.



## REFERÊNCIAS

ABDALA, Benjamin Jr. *Literatura, história e política: Literaturas de língua portuguesa no século XX*. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2007.

BARBOSA, João Alexandre. Entrevista do Professor João Alexandre Barbosa. *Linha D'Água*, v. 1, n. 9, p. 3-22, 1995. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37148>. Acesso em: 19 dez. 2023.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi. A outra questão. *In: BHABHA, Homi. O local da cultura*. Tradução: Myriam Avila, Eliane Livia Reis e Glauce Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

BHABHA, Homi. Compromisso com a teoria. *In: BHABHA, Homi. O local da cultura*. Tradução: Myriam Avila, Eliane Livia Reis e Glauce Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

BHABHA, Homi. Signos tidos como milagre. *In: BHABHA, Homi. O local da cultura*. Tradução: Myriam Avila, Eliane Livia Reis e Glauce Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos*. 3. ed. Revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COMPAGNON, Antoine. *Demônio da Teoria: Literatura e senso comum*. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fontes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

FANON, Frantz. *Pele Negra, máscaras brancas*. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT; Michel. *As formações discursivas*. *In: FOUCAULT; Michel. A arqueologia do saber*. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

PERLOFF, Marjorie. *O gênio não original. Poesia por outros meios no novo século*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Tradução: Augusto de Campos e José Paulo Paes. 11ª edição, São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução: Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.